

SIGNOS POÉTICOS E POLÍTICOS NO DISCURSO DE JOVENS QUILOMBOLAS DA ILHA DE SÃO VICENTE NO RIO ARAGUAIA

POETIC AND POLITICAL SIGNS IN THE SPEECH OF YOUNG QUILOMBOLAS FROM SÃO VICENTE ISLAND IN THE ARAGUAIA RIVER

Léo Daniel da Conceição Silva 1

Resumo: Apresentamos, aqui, um trabalho de análise de signos políticos e poéticos, especificamente no discurso dos jovens quilombolas da Ilha de São Vicente, surgidos a partir do projeto de extensão Discursos, Narrativas e Poemas Quilombolas de Tocantins, que resultou na publicação de textos, imagens e vídeos no site historiasdailha.com. A fala dos quilombolas da Ilha de São Vicente, no rio Araguaia, Araguatins, Tocantins, revela modos de pensar o mundo local por uma linguagem que perpassa gerações reafirmando identidades e valores através da persistência de signos em meio a transformações globais. Em nosso trabalho de escuta, registro e análise de discurso dos jovens, pudemos perceber signos relacionados com o direito à terra e à educação. As palavras dos velhos e jovens também configuram o quilombo como um espaço poético como ensina Bachelard. O quilombo, configurado poeticamente como “cosmos” expressa uma alternativa aos valores consumistas da era da comunicação de massa e globalização.

Palavras-chave: Quilombo. Discurso. Jovens. Política. Poética.

Abstract: Here we present a work of analysis of political and poetic signs, specifically in the discourse of the quilombolas young people of São Vicente Island, which arose from the extension project Discourses, Narratives and Quilombola Poems of Tocantins, which resulted in the publication of texts, images and videos at historiasdailha.com. The speech of quilombolas on São Vicente Island, on the Araguaia River, Araguatins, Tocantins, reveals ways of thinking about the local world through a language that spans generations reaffirming identities and values through the persistence of signs in the midst of global transformations. In our work of listening, recording and analyzing the discourse of young people, we were able to perceive signs related to the right to land and education. The words of the old and the young also configure the quilombo as a poetic space as Bachelard teaches. The quilombo, configured poetically as “cosmos”, expresses an alternative to the consumerist values of the era of mass communication and globalization.

Keywords: Quilombo. Speech. Young. Politics. Poetic.

Introdução

Apresentamos, aqui, os conceitos teóricos que embasam nossa análise a saber: os conceitos de Língua e Fala em Roland Barthes, de Linguagem em Ferdinand Saussure e o conceito de discurso e enunciado em Mikhail Bakhtin.

Segundo Roland Barthes, a Língua é uma instituição social e, no livro *“Elementos de Semiologia”*, o autor diz que, sendo a Língua “um sistema social [...] o indivíduo sozinho não pode nem criá-la e nem modificá-la” (2002, p. 18), portanto, se faz necessário estar incluso no meio social para comunicar-se. Já sobre o conceito de “fala”, Barthes o explica em contraste com a Língua, qual seja, como um ato individual que se utiliza dos signos para se comunicar. A fala é, portanto, uma expressão individual, mas não “pura” porque utiliza signos de outros discursos para se concretizar. A Língua e a fala são inseparáveis, pois uma necessariamente precisa da outra. Enquanto a Língua é o “conjunto finito de regras”, a fala é a apropriação desses conjuntos que a torna infinita.

Ferdinand Saussure apresenta uma diferença entre “Língua e Linguagem” e diz, no seu livro de Curso da Linguística Geral:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Saussure diz que a linguagem é uma faculdade, ela é “multiforme e heteróclita e não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade” (2006, p.17), enquanto a Língua é um produto dessa linguagem, é a ação tomada a partir da linguagem para permitir o exercício desta faculdade.

Bakhtin apresenta o conceito de “enunciado” como uma unidade discursiva, ou seja, a fala (apresentada acima por Barthes) dos indivíduos irá se caracterizar em um sentido discursivo como enunciado. Vale ressaltar que Bakhtin define discurso (seção que corresponde à fonética) da seguinte forma: “nosso discurso se divide acima de tudo em orações que, por sua vez, podem dividir-se em combinações de palavras e em palavras. As palavras se decompõem em unidades fônicas menores, as sílabas. As sílabas em sons distintos ou fonemas” (1997, p.292).

Bakhtin explica que o termo “discurso” não foi transformado ainda pelos linguistas em um termo “rigorosamente definido e de significação restrita”, pois trata-se de um fenômeno contextual, portanto propõe o termo “enunciado” como uma alternativa mais clara de delimitação especificamente linguística. Ele deixa isso claro ao afirmar que “a fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma” (2003, p. 293). O ponto fulcral é entender que o Enunciado é a estrutura que dá sentido ao que é dito. O discurso-fala só pode ser compreendido porque é moldado a partir do enunciado e diz ainda que “a emoção, o juízo de valor, a expressão são coisas alheias à palavra dentro da língua, e só nascem graças ao processo de sua utilização ativa no enunciado concreto” (1997, p. 311).

A investigação dos enunciados, tomados como esta “unidade discursiva” é o que será a base para entender como se deu o processo da “valorização dos estudos”, pelos membros da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, ao longo de todo o período de tempo de sua existência. Iluminando essa questão citamos a seguinte frase de Bakhtin: “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. Representa a instância ativa do locutor numa ou noutra esfera do objeto do sentido. Por isso, o enunciado se caracteriza acima de tudo pelo conteúdo preciso do objeto do sentido (1997, p. 308). Ou seja, “a valorização dos estudos”, portanto, ocupa o lugar desse conteúdo preciso do objeto de sentido que se caracteriza como enunciado na fala dos jovens quilombolas em continuidade discursiva no contexto da ancestralidade.

A partir disso, será perceptível ao longo de nossa análise, como isso se dá numa con-

tinuidade. Segundo Bakhtin isso acontece porque é algo inerente à própria estrutura do fenômeno linguístico: “[...] antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros [...]” (1997, p. 294). Portanto, essa “valorização dos estudos”, será um conteúdo presente no discurso-fala dos mais velhos e dos mais jovens. Vale ressaltar que os “textos” que serão analisados estão presentes no site Histórias da Ilha, tanto na forma falada como na escrita.

A “importância dos estudos” como conteúdo discursivo

Percebe-se que há um mesmo discurso compartilhado pelos mais velhos e pelos jovens da Ilha de São Vicente, pois ambos falam da “importância dos estudos” e do direito ao acesso à educação, porém de formas diferentes. Vê-se que os mais velhos falam de uma forma não tão explícita. Isso ocorre pelo fato de não terem tido acesso à educação formal e por não conhecerem o processo político do direito ao acesso; já os jovens que estão dentro da universidade falam dando continuidade ao discurso dos mais velhos, porém, conhecendo a política de acesso e lutando por seus direitos.

O Quilombo Ilha de São Vicente, sendo um espaço segregado, apresenta uma preservação de vários conhecimentos práticos, saberes e sonhos, que se refletem nos signos linguísticos. Na fala de cada indivíduo aparecem signos dessas práticas específicas que são compartilhados por todos. Isso é perceptível quando se analisa as falas dos mais velhos em relação às falas dos jovens. Vejamos um exemplo: O sr. Virgílio Barros da Rocha, nascido às margens do Rio Araguaia em 1943, fala o quanto gostava de estudar e o quanto gostaria de ter estudado mais. Ele diz: “vontade de estudar mais eu tinha, mas a condição era pouca”. Essa “condição” de que ele fala refere-se à questão financeira, porque ele tinha que trabalhar na roça com seu pai para garantir o sustento da família. Isso é confirmado na frase seguinte: “[...] que eu tinha que ajudar o veio na roça. Até achei oportunidade, mas o veio disse “não, fica aqui mais eu, trabaiá mais eu, e eu ficava lá, mais o veio, trabalhando”. Salientamos que esse era apenas um dos vários problemas que fizeram com que esse direito à educação fosse negado, como por exemplo a educação ser limitada até determinada série: “eu fiz até a quinta série porque a professora sabia ensinar só até aí”.

Dando continuidade ao signo da “importância dos estudos” no discurso da comunidade, a jovem quilombola Helisana Barros dos Santos conta que consegue perceber na fala de sua Avó, Vicência Barros, a “sede” que ela tinha de ir à escola e não teve oportunidade, ela diz: “[...] conversando com minha vó, que é mãe do meu pai, Vicência Barros, eu vejo nela a sede que tinha de ter ido à escola, a sede que minhas tias, as irmãs dela, também tinham. Meus tios, tinham sede de ter ido à escola e não tiveram a oportunidade, então é muito gratificante [...] estar realizando este sonho que foi motivado por eles”.

O fato da jovem sentir-se realizada por estar dentro da universidade, por estar seguindo este caminho, mostra que um discurso coexistente no espaço de vivência comunitária cria valores que transcende o tempo e o espaço.

Virgílio, assim como outros remanescentes quilombolas mais velhos, teve o acesso à educação negado, mas o sonho de ter dado a continuidade aos estudos é bem expressivo em seu discurso, e isso resultou na maioria dos jovens quilombolas dar importância às oportunidades de estudos que não foram dadas aos seus pais, tios e avós.

Helisana diz ter sido “incentivada a entrar no universo escolar” e no seu discurso ela já inicia falando “da importância dos estudos na vida do cidadão”. Esse é um exemplo claro da continuidade discursiva de uma linguagem comum aos valores quilombolas que é a oportunidade à educação que muito foi sonhada pelos mais velhos e que está sendo realizado nos mais jovens.

Fátima Barros, líder do Quilombo, nos informa que existe atualmente um grupo de vinte alunos que estão nas Universidades e esse é um número considerado alto, de remanescentes quilombolas que conseguiram acessar as universidades por meio do quilombo (cotas quilombolas). Isso só reafirma uma linguagem comum aos valores mantidos na Ilha.

Os jovens quilombolas que foram ouvidos entendem que há uma responsabilidade grande em assumir seu lugar de direito, porque conhecem o processo histórico no qual sua

família se insere. Os valores adquiridos, transmitido pelos mais velhos, não foi só um processo de comunicação ocasionado pelo tempo, foi também um ato de realizar os sonhos de seus antepassados e fazer valer o pleno direito do acesso à educação e não só isso, pois trata-se também da função de cobrar para que este erro histórico e político junto à comunidade seja revisto e pago. Isso mostra que a luta dos jovens quilombolas dentro das universidades, pelas cotas e pelas bolsas de auxílio, é um ato de justiça em relação a um direito que foi negado aos antepassados e aos mais velhos.

Espaço geográfico e poético

No livro “A Natureza do Espaço”, Milton Santos define o espaço como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistema de ações” (2002, p. 21). Tomando essa definição de espaço como ponto de partida e objeto de estudo, a análise torna-se abrangente, assim como o discurso dos moradores do Quilombo. Falar da Ilha de São Vicente como um espaço onde os indivíduos estão há muito tempo desenvolvendo suas técnicas e se relacionando com esse meio de todas as formas, vivendo e criando suas narrativas, é algo que pode ser observado diretamente pela linguagem de seus habitantes. A própria nomeação de “quilombo” existe nesse sistema de ações dos moradores com o seu meio, logo, a interação direta do espaço com seus discursos.

Há uma forte ligação de todos os remanescentes com o quilombo, não só uma relação de ancestralidade e de pertencimento, mas também na acepção de um lugar de “refúgio” e esse “espaço de refúgio” tem uma forte associação como o símbolo da “casa” apresentado por Bachelard em seu livro “A Poética do Espaço” no qual o autor afirma: “Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela” (1993, p. 200).

Tanto os mais velhos quanto os mais jovens apresentam esse espaço como um “canto no mundo”. Esse amor à “casa” é perceptível na voz dos jovens quilombolas quando dedicam suas vidas à comunidade. Os três jovens entrevistados falam que estão cursando determinados cursos para ajudar o quilombo, ajudar a sua casa, levar melhorias de vida para aquele território, assim como todos aqueles que sonham em estruturar e fazer da sua casa um espaço habitacional.

Bachelard fala que “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (1993, p. 200) ou seja, a Ilha de São Vicente, portanto, além de ser um espaço geográfico real, é também uma metáfora de “casa”, o lugar identificado como o “primeiro universo” e, mesmo com condições básicas mínimas de infraestrutura, ainda é para todos os remanescentes quilombolas da Ilha o lugar em que se sentem aconchegados, em casa.

Bachelard fala ainda do benefício que o signo “casa” pode oferecer: “nessas condições, se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa diríamos que “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz [...]” (1993, p. 201).

A casa não só permite sonhar, como também realizar. Vimos que diferente dos mais velhos, que sonharam dar continuidade nos estudos, os jovens puderam realizar esse sonho. A juventude que concretiza esse sonho, agora busca realizar outros, esse sonho nasce na Ilha e é acolhido e fortalecido todas as vezes que os jovens se encontram naquele território, é a partir de lá que buscam realizar-se. Pode-se perceber isso na fala dos três jovens quilombolas entrevistado, como a Helisana Barros dos Santos que afirma: “[...] esse processo me ajudou a crescer como pessoa e vai me ajudar ainda mais a ajudar a minha comunidade”. O processo a que ela se refere é o de incentivo a estar dentro da universidade, de valorização dos estudos adquiridos por seus avós, tios e tias que tiveram seus direitos negados.

Também, o jovem Ericson, remanescente quilombola que está dentro da universidade, afirma que “quer repassar seu conhecimento lá pra Ilha”. Intenciona desenvolver projeto de preservação e plantação a fim de gerar renda para a comunidade.

A jovem quilombola Uana Barros, fala que pretende ajudar a comunidade através do seu curso universitário. Dessa forma, o quilombo não só abriga o sonho e o sonhador, mas também cria sonhos, como afirma Bachelard: “a casa vivida não é uma caixa inerte” e [...] o espaço

habitado transcende o espaço geométrico” (1993, p. 227). É esse espaço do quilombo vazado em sonhos, que não se limita por ser uma ilha e muito menos por ser o espaço habitado, que chega às universidades, mas sempre tendo como ponto de partida o espaço geométrico real.

Bachelard apresenta ainda em seu livro a “A Poética do Espaço” outro sentido para a “casa” intrinsecamente ligado ao primeiro: a casa também se torna o indivíduo; a casa não é só o espaço habitado, ela também é o espaço que habita. Ele afirma:

Nossa alma é uma morada. E quando nos lembramos das ‘casas’, dos ‘aposentos’, aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos. Vemos logo que as imagens da casa seguem nos dois sentidos: estão em nós assim como nós estamos nelas (1993, p. 197).

A Ilha de São Vicente como símbolo, está em cada remanescente do quilombo, cada um carrega o espaço que habita em si, nos jovens isso é mais evidente ainda porque precisaram se deslocar da Ilha para poder estudar, como vemos na fala da Helisana Barros: “quando você está em outro lugar, mesmo que não seja ligado ao território em si fisicamente, você não deixa de ser menos quilombola por isso”.

O território que é sua casa, que abriga os sonhos, os saberes, a história de seu povo, as narrativas dos mais velhos, as técnicas para a sobrevivência desenvolvidas ao longo do tempo, tudo isso é o que a jovem Helisana designa como “quilombola”, que mesmo estando em qualquer lugar, a Ilha de São Vicente não deixará de ser essa casa. Da mesma forma, a jovem quilombola Uana Barros também enuncia que, nos lugares que vai, sempre faz questão de se identificar como quilombola.

Bachelard escreve que “toda grande imagem é reveladora de um estado de alma. A casa, mais ainda que a paisagem, é ‘um estado de alma’. Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, fala de uma intimidade” (1993, p. 243). Aqui estamos falando de uma revelação do íntimo que é a casa, que apresentada por meio do espaço externo, está ligada diretamente ao mais profundo de cada um. O filósofo diz ainda que “examinada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo” (1993, p. 196). A casa é trabalhada como forma de autoanálise, fazer análise de si a partir dela, remetendo-se a ela.

Essa concepção de Bachelard nos ajuda a entender o discurso da jovem quilombola Helisana Barros que diz: “eu passei por todo aquele processo em que eu alisei o cabelo pra ter uma aceitação na escola, muitas vezes me escondi da minha identidade, entre outras situações e voltar à minha origem, voltar a deixar meu cabelo natural, deixar ser quem eu sou, voltar a falar da minha família é algo que me orgulha, que me motiva”.

Percebe-se na fala da Helisana uma mudança reveladora relacionada diretamente com a emergência de sua intimidade, pois ela diz que foi um processo de amadurecimento esse processo de identificar-se com a casa, compreender o que é ser quilombola, da Ilha de São Vicente, ou seja, “deixar ser quem é”. Antes de identificar-se com a “casa”, a jovem alisava o cabelo, escondia sua identidade, não falava de sua família, dos saberes, das histórias, tudo isso para que sentisse inclusa em um espaço no qual a sua própria “casa” íntima não cabia. Por fim a Ilha de São Vicente que ela carregava dentro de si precisou ser revelada e, por isso está justificado o termo “deixar ser quem eu sou”, em seu discurso.

Território e globalização

O “espaço” discutido anteriormente é apresentado como forma simbólica, referindo-se ao território como uma “casa” em sentido fenomenológico, ou seja, o território-casa é discutido tanto no sentido externo como no sentido interno da relação sujeito e espaço. Agora será apresentado esse “espaço” em um sentido geográfico-político, a relação do sujeito no mundo globalizado e o processo de espacialização que culmina na desterritorialização presente no discurso dos jovens quilombolas da Ilha de São Vicente.

No livro intitulado “Território” organizado por Milton Santos, Manuel Correia de Andrade diz que:

O território seria a área de influência e dominação de uma espécie animal que exerce o domínio da mesma, de forma mais intensa no centro e que perde essa intensidade ao se aproximar da periferia, onde passa a concorrer com domínios de outras espécies (1998, p. 213).

Pedro P. Geicer complementa dizendo que território se refere a uma “relação de poder, ou posse, de um grupo social sobre a extensão terrestre” (GEICER, 1998, p. 235). A partir desse conceito pode-se dizer que o Quilombo Ilha de São Vicente é um território. Geicer fala ainda que o “conceito” segundo Lefbvre, produz uma sensação imediata psicológica que se dá pelo conhecimento histórico e pela lógica. A partir disso o conceito de território transmite a sensação psicológica de fechamento. A Ilha de São Vicente apresenta, portanto, dois aspectos que de imediato causam sensações de ser um “espaço segregado”, o primeiro é o fato de ser uma ilha e isso faz com que seu acesso e a transição de pessoas sejam restritos e o outro é como apresentou Geicer, relacionado à sensação psicológica de fechamento que se dá através do conceito.

Essa percepção da Ilha ser um território de segregação fica ainda mais patente quando se fala do seu processo histórico de formação e como ainda se encontra. Em 1888, após a abolição da escravatura, Vicente Bernardino, o líder da localidade onde hoje está situado o município de Araguatins, em Tocantins, que era o “dono” de escravos, destinou as terras da Ilha de São Vicente, no rio Araguaia, a estes escravos que eram a família Barros, pois já não podia possuí-los segundo a lei Áurea. Aventar a possibilidade de que havia uma intenção bondosa em doar para ex-escravos uma Ilha, ou seja, terras de difícil acesso, principalmente quando se fala no ano de 1888, é de uma grande ingenuidade. Este território nasceu de uma intenção segregativa que continua operando. Poucas pessoas conhecem a Ilha que, mesmo fazendo parte do município de Araguatins, não apresenta os recursos básicos de infraestrutura, como água tratada, atendimento médico e atendimento escolar, que é responsabilidade do município.

Em contraste com a sensação psicológica de fechamento, associada ao conceito de território, soma-se a sensação psicológica associada ao conceito de espaço. Pedro P. Geicer apresenta o espaço como “originalmente as relações entre formas de objetos, de sua geometria, bem como as relações dos movimentos dos objetos que se movem infinitamente” (SANTOS, 1998, p. 236) e diz:

O conceito de um universo delimitado, mas infinito. A extensão histórica do ecúmeno, a intensificação da mobilidade dos homens, a formação dos impérios, foram, entre outras, razões para o emprego crescente da expressão espaço geográfico, que contém em si o território. O espaço deste modo transcende fronteiras e psicologicamente transmite a sensação de abertura (GEICER, 1998. p. 236).

Os jovens do quilombo, que estão frequentando o espaço universitário, ou seja, estão na cidade, e que, diferente dos mais velhos que moram na Ilha de São Vicente, anseiam por uma espacialização da ilha, isso é, desejam que a ilha não seja mais um território segregativo, querem que ela se torne um “espaço” e isso fecundará um processo de desterritorialização.

Geicer faz um paralelo da cidade com o amplo acesso. A cidade seria a representação do desenvolvimento, é caracterizada como centralidade que realiza, onde o homem do território busca viver, diz ainda que o território corresponde a um nível de produção social de espaço, enquanto que o espaço urbano corresponde a um nível mais elevado de produção social. Assim estes espaços urbanos passam a ser centro de relações econômicas, sociais, culturais e políticas e que conseqüentemente passam a ser “desenvolvidos” segundo o sistema capitalista.

A desterritorialização e a espacialização remetem ao tema de “globalização” e, como dito por Milton Santos, “a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (2011, p. 12). A velocidade e o avanço das novas técnicas difundidas pelo sistema capitalista, no momento que se introduzem em territórios, conseqüentemente se tornam hegemônicos e, se antes esses territórios apresentavam suas particularidades de

modo de vida, agora passam a ser objeto de mercantilização. Os territórios então farão parte de uma “globalização” desterritorializando-se. Assim, o que antes apresentava um valor fora desse sistema, passará a ter outro valor, um valor “massivo”.

Observamos elementos ilustrativos dessa análise de Milton Santos no discurso do jovem quilombola Ericsson Adriano Barros Torres, que cursa Engenharia Agrônômica no Instituto Federal do Tocantins, que fala dos projetos futuros que pretende desenvolver na Ilha de São Vicente. Juntamente com sua prima, o jovem pretende desenvolver um plantio de cacau que, segundo ele, apresenta a alternativa de um grande lucro por possibilitar derivados de alta comercialização. Esta ideia de desenvolver no quilombo um projeto que gere renda é presente apenas na voz da juventude, e isso se dá pelo fato de estarem a maior parte do tempo em outro espaço, o urbano, e num período de tempo em que a globalização é presente e dominante em todas as partes, principalmente no contexto universitário. Vale ressaltar que essas novas técnicas de desenvolvimento não levam em consideração algum fator histórico, cultural e social. Elas simplesmente se instalam, e quando apresentam bons resultados, segundo Milton Santos, tendem a se expandir e sugar até o último recurso do espaço em questão.

A jovem Helisana Barros dos Santos, que cursa Ciências da Computação no Instituto Federal do Tocantins, também fala da sua intenção em relação ao quilombo, de estar desenvolvendo um trabalho para levar este “universo da tecnologia” para a Ilha. Segundo ela, proporcionar este acesso ao quilombo é essencial para os moradores entenderem esse processo de globalização, terem uma ferramenta que possa divulgar os seus saberes e sua cultura.

Vimos, com isso, que a vivência do povo dessa comunidade transforma-se agora em algo que pode ser comunicado, utilizado, num nível de desterritorialização universal pelas tecnologias da globalização. Mas ao mesmo tempo, a preservação do território físico, isolado, justamente nesse contexto, adquire maior valor, como colocou Milton Santos no seu livro *“Por uma Outra Globalização”*, em que diz:

A população aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual (2011, p. 11).

Milton Santos mostra assim o quanto são ricas essas “populações aglomeradas em poucos pontos da terra”, às quais podemos associar o Quilombo Ilha de São Vicente e outras comunidades que sofrem o processo de desterritorialização e o quanto de diferença elas podem fazer no mundo globalizado.

O Estereótipo “Quilombo”

A formação dos quilombos no Brasil se inicia ainda no período colonial e os primeiros documentos sobre isso datam de 1597, segundo o historiador Zezito de Araújo, que fala no documentário intitulado *“Guerras do Brasil.doc”*, dirigido por Luís Bolegnesi, ele afirma que o “quilombo” significaria uma “espécie de acampamento militar” onde os negros fugidos se refugiavam. Esses territórios, que se formaram a partir da “fuga” desses escravos dão o significado à palavra “quilombo”.

Vemos outra definição em 1740, em que o Rei de Portugal, em resposta ao Conselho Ultramarino declara, segundo Moura, a seguinte definição de quilombo: “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (1981, p.16).

O conceito de quilombo, que nasce, portanto, de sua formação, vem sendo debatido por muitos historiadores e antropólogos há tempos, porém, como bem colocado por Alessandra Schmitt, abrange várias outras definições:

Incluem as fugas com ocupações de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados

ao Estado, a simples permanência nas terras em que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata, quanto após sua extinção (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002, p. 3).

Já contrapondo uma visão de estereótipo e quebrando um conceito de quilombo que muito foi difundido segundo as primeiras definições, a própria Ilha de São Vicente se apresenta na variação de quilombo como território doado, segundo explica a própria líder do Quilombo, Fátima Barros. Vimos que a Ilha foi doada aos seus avós por Vicente Bernardino no ano de 1888 após a abolição da escravatura. Portanto a atualização do conceito de quilombo apresentada por Schmitt melhor se adequa ao caso da Ilha, pois se mostra mais abrangente e não carrega uma visão estereotipada de um “território de negros fugidos”.

No Ato das Disposições Constitucionais Transitórias o Art. 68 diz que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Aos remanescentes, isto é, aqueles que têm ligação sanguínea e indentitária com os primeiros moradores da Ilha de São Vicente, o Estado deve emitir o título de suas terras, porém, essa prescrição tem se distanciado da prática em muitos territórios quilombolas.

Desde 2010, ano em que a comunidade Quilombo Ilha de São Vicente foi reconhecida pelo Estado, a luta dos remanescentes para conseguir a posse definitiva da Ilha tem sido muito árdua. Foi apenas no mês de Setembro de 2019 que a Justiça concedeu à comunidade a posse. Durante nove anos, desde o reconhecimento, a comunidade, mesmo com laudo antropológico provando que são descendentes de escravos, sofre ameaças. Vale ressaltar que essa luta inicia-se muito antes e que nos últimos anos houve vários tipos de ataque à comunidade, desde a expulsão de moradores até invasões e incêndios à Ilha como conta a líder Fatima Barros em seu discurso registrado no site Histórias da Ilha.

Africanos e indígenas

O quilombo Ilha de São Vicente quebra outro estereótipo por apresentar em sua identidade, muitas características indígenas em meio à africanidade. Isso acontece principalmente por sua localização geográfica e pelo seu processo histórico. A Ilha está localizada em antigo território da etnia indígena Arara, na região do “Bico do Papagaio”, que faz fronteira com o estado do Pará, dividido apenas pelo rio Araguaia e faz parte da Bacia Amazônica.

A despeito da presença de descendentes de escravos africanos, segundo Darcy Ribeiro, no seu livro *“O Povo Brasileiro”*, essa região é caracterizada pelos “Caboclos”, esses são a junção do branco com os indígenas. Nesse processo de miscigenação nasce esse “povo” desta região pertencente à Bacia Amazônica.

Houve uma grande migração de nordestinos “vaqueiros” para essa região, inclusive com incentivo do próprio governo brasileiro, ao longo do século XX. Os nordestinos, chegando a esta região, se deparavam com um modo de vida muito diferente do que estavam acostumados, o modo de vida indígena, que era adaptativo à floresta e suas técnicas desenvolvidas para a sobrevivência. Darcy Ribeiro diz: “a característica básica dessa variante é o primitivismo de sua tecnologia adaptativa, essencialmente indígena, conservada e transmitida, através de séculos, sem alterações substanciais” (1995, p. 308).

Essa tecnologia adaptativa indígena, associada à africanidade, é perceptível no Quilombo Ilha de São Vicente em suas histórias de maneiras de pescar, plantar, cozinhar e conviver. Corroborando a tese de miscigenação de outros povos com os indígenas apresentada por Darcy Ribeiro, a líder do quilombo, Fátima Barros, conta em seu discurso registrado no site Histórias da Ilha, que a sua família descende também das tribos indígenas que habitavam nessa região: “a origem da família Barros também perpassa pelos ancestrais indígenas, ocupantes originários do território, que eram os Araras e os Curi-Araras. Eles ocupavam toda essa região da costa do sul do Pará. O encontro entre africanos e indígenas garantiu a continuidade da família. O meu bisavô se casou com uma indígena da nação Arara, depois meu avô se casa com

uma descendente dos Apinajés. O Bico do Papagaio é originalmente um território indígena. Por conta da violência e da exploração relacionadas com a luta pela terra as pessoas tendem a recusar a ancestralidade indígena. Mas, na realidade todo mundo aqui também é índio”.

Portanto, o Quilombo Ilha de São Vicente é, hoje, resultado do processo histórico e geopolítico que faz com que a comunidade expresse essa identidade africana e indígena, apresentando marcadamente características indígenas em seu modo de vida, originada da localização do território.

Em um mundo globalizado esse estilo de vida é raro. Os moradores do Quilombo ainda utilizam algumas destas técnicas no seu cotidiano, como a pescaria, que é uma das principais fontes de renda de alguns moradores e que também serve para o consumo da proteína diária.

O quilombo frequentemente é caracterizado como um lugar onde deveria haver uma “forte cultura africana”, mas é necessário olhar o quilombo em todo o seu processo histórico e geopolítico para não continuar a difundir um estereótipo que acaba gerando problemas tanto no processo identitário quanto no político. É necessário enxergar o território como ele realmente se apresenta, e não como se espera que ele seja. Esse é o início da quebra do estereótipo.

Sujeito e resistência

Segundo Orlandi a constituição do sujeito se dá por meio da relação do “simbólico com o político”. No artigo intitulado “*O Sujeito discursivo Contemporâneo*” ela diz:

Em um primeiro momento temos a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia. Essa é a forma de assujeitamento que, em qualquer época, mesmo que modulada de maneiras diferentes, é o passo para que o indivíduo, afetado pelo simbólico, na história, seja sujeito, se subjetive (2007, p. 3).

Portanto, é necessário pensar na “constituição desse sujeito” concomitante ao discurso e ao seu lugar de fala, seguindo a linha do pensamento da materialidade do sentido, qual seja, o sujeito quando diz, acredita ser origem do seu dizer, ele não está à luz da teoria de que para dizer algo ele já tenha se interpelado em sujeito e que essa interpelação é afetada pelo ideológico em um processo histórico. Logo, esse indivíduo que está em processo de assujeitamento diz respeito ao lugar em que está inserido ou que ele busca se inserir, que irá resultar em outro processo, o da resistência ou da individualização.

O Quilombo Ilha de São Vicente é um lugar repleto de símbolos, de histórias e ideologias (pelo discurso), ou seja, os remanescentes quilombolas são todos indivíduos interpelados em sujeitos. Aqui, vamos nos ater aos jovens da ilha e perceber os discursos de “resistência” no processo de individualização deste sujeito pelo Estado, e conseqüente em como o sujeito se individualiza no processo de se sentir parte de algo, que diz respeito à sua identidade.

Os jovens remanescentes do quilombo que foram ouvidos estão todos inseridos na universidade, percebe-se portanto que frequentam dois espaços diferentes, o quilombo, em que foram interpelados em sujeitos e a Universidade/cidade que os tornam individualizados e assim acabam modulando suas identidades, é aí que se encontra a resistência.

No discurso da Helisana Barros dos Santos, disponível no site Histórias da Ilha, é enunciada, como vimos, a importância do estudo na vida do ser humano, e ela narra sua trajetória até entrar na universidade. Essa valorização da Universidade e todo o processo que a jovem passa lá dentro, e a forma como ela pretende ajudar a comunidade a partir da sua formação acadêmica, embora seja a expressão de uma continuidade ideológica, também apresenta uma grande diferença em comparação ao discurso dos mais velhos.

No discurso do “seo” Pedro, também disponível no site Histórias da Ilha, existe um tom completamente diferente do que vemos na fala dos jovens. O discurso de “seo” Pedro é repleto de símbolos e histórias, coisa que aparece pouco na fala dos jovens, isso diz respeito à identidade deles e em como já estão individualizados no sentido produzido pelas políticas de Estado por meio da Universidade. Isso só foi possível depois da interpelação de indivíduo em

sujeito por meio dos símbolos oriundos da própria Ilha de São Vicente, adicionados dos signos do processo legal de posse do território resultante da política de Estado.

Um ponto importante aqui é que, antes da efetivação da política de Estado, são os mais velhos, da Ilha, que já valorizam o estudo que lhes foi negado. Mas essa valorização nasce de um processo de individualização pelo Estado. Os sujeitos (os mais velhos) percebem que para não serem excluídos de uma sociedade capitalista, necessitavam fazer o que outros faziam, precisavam estudar, entrar na universidade, ter um emprego na cidade e ser esse sujeito individualizado de valores do Estado.

Esse viés de reivindicação de direitos, associado à ideia de inclusão social, é explicado por Orlandi que cita Schaller:

Nós, hoje, só falamos em globalização ou em exclusão, em distância social crescente ou, ao contrário, em concentração do capital ou da capacidade de difundir mensagens e formas de consumo. Nós tínhamos o hábito de situarmo-nos uns em relação aos outros sobre escalas sociais, de qualificação, de salário, de educação e de autoridade; nós substituímos esta visão vertical por uma visão horizontal: nós estamos no centro ou na periferia, dentro ou fora, na luz ou na sombra (TOURAINÉ; SCHALLER apud ORLANDI, 2007, p. 8).

O quilombo já era um local bastante segregado e de certa forma ainda é, e os valores que não fazem parte de um sistema capitalista não são percebidos como um valor pela sociedade globalizada. Os conhecimentos práticos e ancestrais de vivência e produção primitiva do espaço, são desvalorizados nesse contexto, portanto, o sujeito busca o pertencimento a um espaço que seja “valorizado” pela massa, onde possa ter a dignidade que todos aparentam ter, precisam comungar de um sistema “globalizado”.

Nesse sentido, o desejo que não foi atendido aos mais velhos, é passado para as próximas gerações, e a juventude também anseia que outros jovens remanescentes como eles, tenham o mesmo direito. A jovem Helisana diz: “através da minha entrada na Universidade eu consigo incentivar outros jovens a entrarem e além disso se manterem [...]”. Vocês que são jovens de comunidades distantes podem estar ingressando na Universidade e trazendo uma formação superior pra vocês”.

Ao se identificar quilombola, pertencente a um grupo social, o indivíduo passa a ter uma identidade, é essa identidade que leva à noção de sujeito, esse sujeito, que se apresenta aqui como “sujeito coletivo”, isso é, expressando todos os remanescentes quilombolas, anseia ser incluído no mundo globalizado, na sociedade regida por direitos e deveres, na Universidade. Esse já é o processo de individualização que se fundamenta na sociedade “horizontal” apresentado por Schaller. A resistência se apresenta quando esses jovens lutam para serem reconhecidos como quilombolas dentro da universidade, quando sofrem preconceito e continuam a se reafirmar quilombolas.

Considerações Finais

A partir da leitura e análise dos discursos dos jovens quilombolas da Ilha de São Vicente ficou claro como os signos poéticos e políticos configuram a construção indentitária e política da comunidade vinculados ao espaço e à territorialidade, tanto no sentido geográfico, quanto nos sentidos poético e político.

As análises desses discursos foram possíveis a partir da realização do projeto de extensão “*Discursos, Narrativas e Poemas Quilombolas de Tocantins*” que teve como objetivo fazer a escuta e registrar os discursos dos moradores do quilombo da Ilha de São Vicente. O projeto resultou em histórias registradas tanto em vídeo quanto em textos publicadas no site: www.historiasdailha.com.

A riqueza simbólica presente na Ilha de São Vicente faz com que voltemos o olhar para o mundo globalizado e percebamos de imediato a dinâmica das mudanças significativas do

social como um todo ao longo do tempo. Isso é perceptível principalmente por meio das falas dos moradores e mais ainda através do discurso dos jovens que estão frequentando espaços diversos e que acabam entrando em um conflito de resistência e individualização frente a pluralidade dos espaços que habitam.

Entender como se dá o processo de constituição do quilombo Ilha de São Vicente a partir das falas e discursos traz à tona inúmeras questões, como o estereótipo de quilombo como tal pensamento pode se constituir numa forma de preconceito e segregação; o direito à educação e a luta por esse direito por meio das cotas e oportunidades aos jovens deste território, direito esse que foi negado aos seus pais, avós, tios e tias. Essas são questões que estão presentes como signos poéticos políticos nos discursos de cada um dos habitantes e ressaltam ainda mais a relevância do assunto na luta pelos direitos quilombolas que ainda é negado no nosso país.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. Corrigido pelo autor.
- GUERRAS de Palmares (Temporada 1, ep 2). **Guerras do Brasil.doc** [seriado]. Direção de Luiz Bolognesi. Produtora: Curta, 2019.
- HISTORIAS da Ilha**. Disponível em: <https://www.historiasdailha.com/o-quilombo>. Acesso em: 27 de mar. de 2020.
- MOURA, Clovis. **Rebeliões na senzala, quilombos, insurreições, guerrilhas**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- ORLANDI, Eni (2007b). **O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo** (p. 11-20). In: FERREIRA, M.C; INDURSKY, F. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do brasil**. A Formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2002. 392 p.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.
- SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (org.). **Território: globalização e fragmentação**. Globalização e Fragmentação. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas**. *Ambiente & Sociedade*, [s.l.], n. 10, p.129-136, jun. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-753x2002000100008>.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Recebido em 30 de março de 2020.

Aceito em 13 de julho de 2020.